



Dr. César Roberto Braga Macedo

Coordenador Geral da Rede Brasileira de Cooperação em Emergências

Enfrentando a Complexidade: Implantando as Redes de Atenção Integral às Urgências do Sistema Único, Regionalizado e Descentralizado de Saúde do Brasil. O tema do VI Congresso da Rede Brasileira de Cooperação em Emergências é um convite à reflexão na busca de respostas frente aos grandes desafios no campo da atenção às urgências, na lógica da proteção da vida.

A ação combinada do desenvolvimento de novas tecnologias, dos conhecimentos sobre a vida, da globalização, da evolução demográfica e do surgimento de novas doenças exercem uma pressão continuada sobre o sistema de saúde, e particularmente nos serviços de urgência. Em nosso País o aumento da expectativa de vida, além de ocorrer de uma forma regionalmente heterogênea, nos aporta o desafio de termos de enfrentar velhos e novos problemas.

A Política Nacional de Atenção Integral às Urgências, onde a presença da RBCE foi determinante em seu processo de elaboração, foi desenvolvida a partir de uma matriz teórica e conceitual bem definida, e bastante avançada no conteúdo estruturante de seus componentes, sofre em seu processo de implantação o enfeixamento das contradições entre a declaração de intenção, contida na constituição Brasileira que estabelece a "Saúde como um Direito", e o Mundo da Vida, onde este direito, que precisa ser defendido, vem sendo sistematicamente enclausurado.

Como afirma N. Bobbio em seu livro - A Era dos Direitos - "o problema grave de nosso tempo, com relação aos direitos do homem, não é mais o de fundamentar, e sim o de proteger". E é essa proteção, na "advocacy" constante pelo interesse do cidadão que deve residir o centro de nossas atitudes. Um Modo de Atenção Cidadão - Centrado, como eixo norteador de políticas públicas, é bem o desafio que teremos de enfrentar e buscar construir nesta nova conjuntura que se abre, a partir do recente processo eleitoral. Aprofundar a Reforma Sanitária, dando consequência plena a seu ideário, à partir deste capítulo, que é "O capítulo dos Urgências da Reforma Sanitária Brasileira".

"Enfrentar a Complexidade" nos aporta a consciência e a dimensão de nossos desafios. O que em determinados momentos nos parece bastante claro, no campo teórico, a prática tem demonstrado a existência de um mundo de incompreensões e dificuldades de contexto, que fazem com que a implantação da Política se dê, de modo limitado.

A incompreensão ainda dominante da missão dos Serviços de Urgências, como elo estruturante fundamental na rede de proteção à vida, faz com que serviços que deveriam estar permanentemente descongestionados e preparados para proteger o cidadão, ao contrário, funcionem na maioria das vezes, com corredores ou outros espaços não destinados a assistência, permanentemente lotados, lugares onde se criam improvisações inaceitáveis do ponto de vista ético e técnico. O resultado prático é que temos frequentemente pacientes graves, em macas, cadeiras ou nergas de espaço, esperando por tempos inaceitáveis, nestas condições, seja por atendimento ou hospitalização. Surpreendente? Infelizmente não. A ausência de uma missão parece refletir um déficit cultural difuso, o que tende a confirmar a reflexão: como as urgências poderiam ter uma missão se a rede de saúde não tem idéia nem visão relacionada a seu papel?





28, 29, 30 de novembro e 1º de dezembro de 2006

Considerando a ausência de uma missão clara e compartilhada por todos, não é surpreendente que, em muitos lugares onde predomina a disfunção, a missão da urgência seja mesmo completamente negada pelo hospital. Além de tudo, o papel da urgência parece estar algumas vezes em oposição a do hospital, em particular - mas não exclusivamente - quando este assume um papel terciário ou quaternário significativo (por exemplo, os Hospitais Universitários): os pacientes da urgência são vistos como uma ameaça para a sobrevivência desta missão “avançada” do hospital; e este se sente “invadido” por pacientes que apresentam problemas geralmente categorizados como pouco “interessante”. Quando a missão da urgência parece se opor a do hospital, os problemas podem ser impossíveis de resolver. O que amplia a dificuldade de acesso às demais estruturas hospitalares, como leitos de especialidades, unidades de terapia intensiva, bloco cirúrgico, meios diagnósticos - particularmente diagnósticos por imagem - negando internamente a possibilidade de compreensão, do que venha a ser rede de atenção. Isto sem contar os vazios reais, onde a inexistência de recursos assistenciais bem dimensionados e tecnologicamente avançados é predominante.

Qual o lugar das urgências no contexto do complexo da Atenção Primária? Salvo exceções, a interface entre o serviço de urgência hospitalar, o SAMU, o pronto atendimento, ou outros recursos fora do hospital, é, inexistente, marginalmente desenvolvido, ou pouco funcional. As barreiras administrativas e burocráticas são enormes. Parece difícil, por exemplo, estabelecer ligações eficazes entre as urgências e as unidades de Atenção Primária, além da negação e pouca estrutura para se atender o paciente agudo ou agudizado. Esta falta de articulação impede a implantação de redes eficazes de atenção à saúde, o que resulta numa falta de eficiência não unicamente nas urgências, mas em toda a estrutura de serviços. Os vazios assistenciais, particularmente no campo da atenção primária, onde as baixas coberturas na horizontalidade espacial do acesso, ruptura na prática com o princípio da Universalidade do SUS, se soma a dificuldade no acesso vertical a meios diagnósticos e terapêuticos, com diversificação tecnológica necessária, contribuindo deste modo para a ocorrência do fenômeno do congestionamento dos serviços de urgências. Fato que transforma em quimera a continuidade dos cuidados, fator de qualidade que está assim grandemente comprometido, particularmente na atenção a pacientes, clínica e socialmente mais fragilizados.

Ora, esta continuidade depende da capacidade da implantação de redes com mecanismos de regulação e coordenação eficazes no nível local e loco - regional.

Em muitos momentos são os pacientes ou seus familiares que assumem, eles mesmos, por absoluta falta de alternativa, as ligações necessárias, responsabilidade que, deveria ser do pessoal dos serviços, ou de uma instância que regulasse e coordenasse de maneira sincrônica este acesso.

Estes problemas afetam a qualidade do atendimento dos pacientes, particularmente as pessoas idosas acometidas de doenças crônicas ou em perda de autonomia, as afetadas por doenças respiratórias e cardíacas debilitantes e as sofrendo de distúrbios mentais.

A ausência de dispositivos assistenciais qualificados para o atendimento ao idoso, principalmente os que vivem em perda relativa de autonomia faz com que nossas urgências tenham permanentemente “internados” um grande número de pacientes, que mal assistidos aguardam sistematicamente uma decisão médica quanto ao melhor destino para seu atendimento.

De fato a solução de muitos problemas exige o fortalecimento de nossos “laços de cooperação, de solidariedade e de cuidado com a vida” (Castilho, M 2005), e o estabelecimento de uma agenda ampla e renovada com todos os atores deste processo e os movimentos sociais.



Comissão Organizadora: César Macedo; Rosane Ciconet; Zilda Barbosa; Irany Ribeiro de Moura; Armando de Negri; Selma Santiago; Roberta Dalcin; Ewerton Breyer; César Fontes; Christian Ferreira; Brigitte Buonguardo

Contatos: César Macedo - cesar.macedo@terra.com.br - 0 21 9986-3755
Rosane Ciconet - rociconet@terra.com.br

Secretaria do VI Congresso - Fundação Municipal de Saúde de Niterói - Rua Visconde de Sepetiba, 987 - 8º andar - Centro - Niterói. Telefones: 0 21 27165802 - FAX 0 21 2716-5809



28, 29, 30 de novembro e 1º de dezembro de 2006

Sua relevância, complexidade, abrangência renovam e instigam a discussão e ampliam a capacidade de aportar ao debate outros setores governamentais e não governamentais, para além do setor Saúde.

Procuramos trazer com a organização dos Fóruns Temáticos, espaços de aprofundamento e definição de diretrizes capazes de compor uma agenda que oriente tanto o desenvolvimento de experimentações práticas nos serviços, quanto pautas de reflexão nos "lugares" de produção acadêmica.

O conceito de Observatório aplicado aos Serviços de Urgências faz com que ele assuma perspectiva estruturante no processo de organização do Sistema de Atenção, na medida em que seja capaz de apreender de maneira dinâmica o processo de adoecer da população, e suas alternativas na busca de cuidados, detectando de imediato, as disfunções estruturais ou pontuais que estejam ocorrendo no sistema. O SAMU, para além das ambulâncias; a regulação médica de urgências, para além das tensões que é capaz de gerar e fluxos que é capaz de ordenar; o Complexo da Atenção Primária, como ordenador dos territórios de garantia de acesso; as Urgências Hospitalares, e os Hospitais para além da Regulação que tem que ser assumida como importante componente, na organização de fluxos e garantias de atenção, no circuito das mais diversas circunstâncias que envolvem as necessidades em Saúde da População.

Esta tem sido a tarefa da RBCE, reunir argumentos, e fazer com que ganhem espaço político e força na sociedade, na defesa intransigente do interesse do cidadão.

Espero que neste VI Congresso, possamos estabelecer uma dinâmica de discussões, que traga luz, a nossos questionamentos, e nos apontem caminhos para o fortalecimento da Política de Atenção Integral às Urgências, instrumento decisivo na defesa da VIDA.

Membros da Executiva da RBCE

Coordenador Geral

Dr. César Roberto Braga Macedo – Niterói - RJ

Coordenadores Adjuntos

Enfa. Rosane Mortari Ciconet – Porto Alegre / RS

Dra. Selma Santiago Nunes – Natal / RN

Dr. Ewerton Breyer – Porto Alegre / RS

Dra. Isabel Venâncio – Juiz de Fora / MG



Comissão Organizadora: César Macedo; Rosane Ciconet; Zilda Barbosa; Irany Ribeiro de Moura; Armando de Negri; Selma Santiago; Roberta Dalcin; Ewerton Breyer; César Fontes; Christian Ferreira; Brigitte Buonguardo

Contatos: César Macedo - cesar.macedo@terra.com.br - 0 21 9986-3755
Rosane Ciconet - rociconet@terra.com.br

Secretaria do VI Congresso - Fundação Municipal de Saúde de Niterói - Rua Visconde de Sepetiba, 987 - 8º andar - Centro - Niterói. Telefones: 0 21 27165802 - FAX 0 21 2716-5809